



LUCIANO BAËTA E MARCELO LUSTOSA

# A EPOPEIA NEGATIVA EM *PASSAGEIRO DO FIM DO DIA*, DE RUBENS FIGUEIREDO

WELLINGTON MARÇAL DE CARVALHO\*

**RESUMO** O presente trabalho tem o propósito de apresentar uma leitura do romance do escritor brasileiro Rubens Figueiredo, intitulado *Passageiro do fim do dia*, paramentada em indícios fornecidos pela trama ficcional que possibilitam considerar tal construto como dinamizador de um processo transgressor de libertação de subjetividades, sobretudo porque a narrativa, de enredo aparentemente trivial, revolve e escancara a humanidade latente nos agenciamentos sociais firmados em operações de dilapidação dos “eus” que os constitui. Acolhendo a sugestão de que a arte é capaz de dizer, sem compromisso com a verdade, em razão da necessidade de mimetizar a agrura do real e oferecer, assim, outra plataforma para se pensar a relação homem/usos do espaço/tempo, parte-se aqui da provocação adorniana sobre a inenarrabilidade da vida dissonante que propicia a experiência estética e um novo posicionamento para uma mundivivência com alguma fatia de plenitude de sentido.

**PALAVRAS-CHAVE** Literatura e realismo. Espaço na literatura. Experiência estética.

## THE NEGATIVE EPIC TRAITS IN *PASSAGEIRO DO FIM DO DIA*, BY RUBENS FIGUEIREDO

**ABSTRACT** A reading of the novel *Passageiro do fim do dia*, by the Brazilian writer Rubens Figueiredo. The narrative is filled with signs arising out of the fictional plot that may be construed as supporter of a transgressive process leading to subjectivity release, especially because of its seemingly trivial plot, which revolves and openly reveals the latent humanity in the social agency based on dilapidation operations of the “selves” that it is made of. By accepting the suggestion that art is able to express – without commitment to truth in what concerns the need to mimic the bitterness of the real, and that therefore it offers another level to view the relationship between man and the use of space and time – this paper departs from Adorno’s teasing: the dissonant life that cannot be narrated, and provides an esthetic experience, and a new positioning towards the world with at least a share of sense of completeness.

**KEYWORDS** Literature and realism. Space on Literature. Aesthetic experience.

\* Doutorando em Letras / Literaturas de Língua Portuguesa na PUC Minas, Diretor da Biblioteca Universitária / Sistemas de Bibliotecas, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

E-mail: marcalwellington@yahoo.com.br

Recebido em 05/04/2014. Aprovado em 15/10/2015.

## Introdução

[...] “a visão de baixo, ao nível do chão.”  
(FIGUEIREDO, 2010, p. 18)

So**b** alguma medida, Adorno, em seu ensaio *Posição do narrador no romance contemporâneo* sublinha uma das funções inerentes ao gênero romanesco, qual seja, a de ser propulsor da liberdade. Segundo Adorno, qualquer obra de arte moderna que deseje alguma validade encontra, obrigatoriamente, “prazer na dissonância e no abandono” (Adorno, 2003, p. 63). Para o teórico, quando essas obras de arte “encarnam, sem compromisso, justamente o horror, remetendo toda a felicidade da contemplação à pureza de tal expressão, elas servem à liberdade” (Adorno, 2003, p. 63). Pensa-se que justamente esse veio libertador, que o texto literário engendra, encontra-se magistralmente arquitetado no romance do escritor brasileiro Rubens Figueiredo, denominado *Passageiro do fim do dia*.

Defende-se, neste ensaio, que o romance enuncia um tipo de narrar em que voam “perdigotos” (Figueiredo, 2010, p. 29)<sup>1</sup>. Melhor dizendo, o escritor desenha um narrador que esgarça a crueza da vida de Pedro e das demais personagens, numa fala cuspidada, cujos salpicos de saliva intentam representar a brutalidade do real.

A história criada por Rubens Figueiredo possibilitará a instauração de um contraponto à tese de Adorno (2003, p. 56), em que o teórico problematizava a morte do narrador da experiência decorrente do desmonte dos espaços ocasionado pelo atravessar das grandes guerras mundiais, especificamente no continente europeu e adjacências. Adorno postulava que “contar algo significa ter algo especial a dizer, e justamente isso é impedido pelo mundo administrado, pela standardização e pela mesmice”. Como se demonstrará, o cotidiano em que estão imersos os indivíduos encenados em *Passageiro do fim do dia*, marcado pela padronização e monotonia, como aludido por Adorno, ainda assim, merece ser tematizado pela criação literária, sobretudo por propiciar alguma desestruturação ao seu receptor.

1. Todas as citações dessa obra foram extraídas da mesma edição e doravante serão assinaladas, apenas, pelo número de página.

Não se trata aqui de cancelar o labor realizado pelo romancista. A obra existe por si, e seu autor prescinde dessa validação. Porém, é digna de nota a instalação, na plataforma canônica da literatura, de narrativa que lança seu foco justamente sobre o cotidiano de uma massa humana da qual foi subtraída a plenitude da existência, decorrente de uma máquina capitalista que se nutre dessas pessoas vistas apenas como ferramentas de manutenção de posições sociais. Nesse sentido, o leitor do romance perceberá que uma viagem em um transporte coletivo, após o trabalho, propicia uma vasta cartela de reflexões de toda ordem, até mesmo, existencial.

Para romper com a falácia de que “o mundo é assim mesmo”, para lembrar ao ser humano de que esse projeto de organização social o subalterniza, para demovê-lo da sua vida quieta, ordeira e aquiescente de todos os dias, é crucial o ângulo criador do qual Figueiredo mimetiza fragmentos do real, transfigurando o engodo e a sensorialidade da vida desses seres marginais. Ao fazê-lo, sua narrativa comunica a experiência que reclama o direito à liberdade, ou, na expressão do crítico literário António Candido (2004, p. 170), sua literatura provoca o desejo de humanização naquele que o lê. Ademais, já advertira Aristóteles (1986, p. 115), em sua *Poética* “que não é ofício de poeta narrar o que aconteceu; é, sim, o de representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível segundo a verossimilhança e a necessidade”.

## “Nada e a nossa condição”<sup>2</sup> e o desafio do espaço

“Tudo era tão automático que nem havia tempo de se distribuir numa ordem.”  
(FIGUEIREDO, 2010, p. 17)

2. O título desta seção foi tomado de empréstimo do conto homônimo do escritor mineiro João Guimarães Rosa, integrante do volume intitulado *Primeiras estórias*.

De forma sumária e, sem o objetivo de mutilar a riqueza da obra em tela, *Passageiro do fim do dia* trata da viagem de Pedro, protagonista da história, numa sexta-feira após o trabalho, em direção à casa de sua namorada Rosane, moradora de um bairro chamado Tirol, periférico, bem distante do centro da cidade. É essa viagem de aproximadamente duas horas e meia, de ônibus coletivo, que serve de fio condutor para a tessitura das reflexões que Pedro, enquanto espera o ônibus chegar ao seu destino, vai realizando ao folhear, sem muito compromisso, as páginas de um livro que versava sobre Charles Darwin, o naturalista e “sábio inglês” (p. 65).

Em vários momentos do seu trajeto dentro do ônibus, Pedro irá levantar a cabeça do livro e, aos poucos, dá a conhecer a história que os une – Pedro e o livro. O leitor saberá que Pedro tentara ganhar a vida como livreiro, sócio de uma banqueta de volumes usados na rua. Em uma confusão na cidade, ele é atropelado por um cavalo da polícia e tem como prejuízo um tornozelo esmagado e seu material de trabalho destruído. Enquanto lhe restava alguma lucidez, acompanha o movimento de um dos livros em meio aquele turbilhão de gente em fuga desenfreada:

[...] chutado uma, duas, três vezes sobre as pedrinhas brancas e sujas da calçada, chutado com força e sem querer por pessoas que corriam aos empurrões, em atropelo e em fuga pela rua, enquanto olhavam para os lados e para trás, por cima do ombro, entre gritos e estampidos cada vez mais próximos e mais violentos que vinham de várias direções. [...] A certa distância viu as folhas de um dos cadernos se soltarem da costura sob a força do escorregão de um sapato ou de um pé descalço. Por último, conseguiu avistar folhas espalhadas e murchas, irreconhecíveis, junto ao meio-fio molhado, na beira de um bueiro de ferro. (FIGUEIREDO, 2010, p. 14,15)

Já adulto, Pedro se encontra novamente com aquele mesmo livro, após um dos clientes da livraria, um advogado, retirá-lo das estantes e tecer comentários sobre o seu conteúdo para uma jovem mulher de seu convívio. O livro roto, mas ainda vivo, por assim dizer, espelha a trajetória de Pedro. Ambos atravessaram uma espécie de epopeia negativa que muito explicita os conflitos em consequência de “relações petrificadas” (Adorno, 2003, p. 58), nos vários agenciamentos que foram forçados a fazer na sua estada no mundo da vida. É como se eles fossem as folhas arrancadas e pisoteadas, sobreviventes do desafio do espaço social. A trama romanesca urdida por Figueiredo, se pensada nessa perspectiva de interpretação, diz com naturalidade exatamente como as coisas são, preparando o terreno para o surgimento do engodo, como quisera Adorno:

A reificação de todas as relações entre os indivíduos, que transforma suas qualidades humanas em lubrificante para o andamento macio da maquinaria, a alienação e autoalienação universais, exigem ser chamadas pelo nome, e para isso o romance está qualificado como poucas outras formas de arte. (ADORNO, 2003, p. 57)

Todavia, se é desse lugar que se formula o seu estar no mundo, poder-se-ia dizer que o narrar de Pedro enuncia o “desafio do espaço, o espaço ordinário, o espaço e os

lugares por meio dos quais, na negociação de relações dentro da multiplicidade, o social é construído” (Massey, 2008, p. 35). Essa parece ser a impressão que os semblantes das pessoas na fila, esperando o coletivo, transmite, como se vê no excerto adiante: “A demora do ônibus, o bafo de urina e lixo, a calçada feita de buracos e poças, o asfalto ardente com borrões azuis de óleo, quase a ponto de fumejar – Pedro já estava adaptado” (p. 8).

De acordo com Milton Santos (1988, p. 69) “dentro da cidade e em razão da divisão territorial do trabalho, também há paisagens funcionalmente distintas. A sociedade urbana é uma, mas se dá segundo formas-lugares diferentes”. O que estarrece, na narrativa de *Passageiro do fim do dia*, é a constatação, que ganha cada vez mais força, da inexorabilidade das formas-lugares em que transitam os que ingressam, rotineiramente, naquele coletivo. Basta que se observe, por exemplo, a cena da fila, mencionada anteriormente, observando as sensações de Pedro:

Como os outros, estava cansado. Não tinha carregado caixotes de frangos congelados para a caçamba de um caminhão nem havia esfregado corredores e escadas de um prédio de quinze andares de cima até embaixo como alguns outros ali, mas tinha ficado muito tempo em pé no trabalho. O sangue parecia descer com um grande peso pelas pernas até o fundo dos pés. Os dedos endurecidos chegavam a latejar, apertados uns contra os outros, dentro do bico do tênis. (FIGUEIREDO, 2010, p. 11)

Essas pessoas desenham uma paisagem mecanizada, cansada, sugada, o que leva a concluir que são orquestrados por agentes externos. Vivem apenas em potencial. É lancinante perceber que “a sociedade não mudou, permaneceu a mesma, mas se dá de acordo com ritmos distintos, segundo os lugares, cada ritmo correspondendo a uma aparência, uma forma de parecer” (Santos, 1988, p. 69). Sob esse aspecto, é interessante a relação que pode ser estabelecida entre a maneira como o ônibus percorre seu trajeto, do centro em direção ao bairro da periferia, e a própria vida de cada um de seus passageiros habituais. O ramerrão da vida cotidiana de todos eles parece se espelhar ao ritmo atravancado do veículo, com o rodar conturbado e, por muitas ocasiões, emperrado mesmo, no atravessar da cidade. É de se notar, ainda, o fato de todo o romance ser escrito em apenas um único capítulo, como se fosse uma viagem do coletivo, o livro roto ou mesmo a vida de Pedro ou de qualquer outra personagem da história. O existir de todos eles “em ponto morto, os suspiros curtos da primeira e segunda marcha no trânsito engarrafado” (p. 21).

Guiado por um narrador onipresente e onisciente, aos poucos, vão sendo fornecidos elementos do cotidiano de Pedro e de sua rede de relações (pessoais e profissionais) que causam, ao leitor, certa agonia e, por que não dizer, perplexidade mesmo em face da quase total falta de sentido com que se apresenta e se constitui a vida das personagens do romance. Talvez se pudesse considerar o fato de que “nada era só o que eles tinham” (p. 82, grifo nosso). O niilismo como aglutinador daquele tecido social em vias de desencantamento com o mundo. Ainda que em graus diferentes, quase todas as personagens são “vítimas” de um mesmo processo, sobremaneira cruel, de subtração de individualidade, de objetificação. Para retomar a nomenclatura de Adorno (2003, p. 57), muito menos que seres humanos, esses indivíduos são, de fato, “coisificados”:

Pois quanto mais se alienam uns dos outros os homens, os indivíduos e as coletividades, tanto mais enigmáticos eles se tornam uns para os outros. O impulso característico do romance, a tentativa de decifrar o enigma da vida exterior, converte-se no esforço de captar a essência, que por sua vez aparece como algo assustador e duplamente estranho no contexto do estranhamento cotidiano imposto pelas convenções sociais. O momento antirrealista do romance moderno, sua dimensão metafísica, amadurece em si mesmo pelo seu objeto real, uma sociedade em que os homens estão apartados uns dos outros e de si mesmos. Na transcendência estética, reflete-se o desencantamento do mundo. (ADORNO, 2003, p. 58)

Há cenas do romance *Passageiro* que podem ser fruídas com o auxílio desse comentário adorniano acerca das coletividades manipuladas, deliberadamente, até o ponto da alienação, da suposta falta de opção face às convenções sociais ditadas, quase sempre, à revelia por outrem. Sob essa lente, verifica-se que “os homens estão apartados uns dos outros e de si mesmos” (Adorno, 2003, p. 58) quando, por exemplo, o pai de Rosane, o Sr. João, fora atropelado em frente ao local de trabalho e simplesmente deixado agonizante, sem socorro, pela condutora, “uma mulher jovem, de cabelos esvoaçantes” (p. 70):

[...] o caminhão que atropelou João na beira da calçada, diante de uma pequena construção onde disseram que ele trabalhava, mas onde semanas depois a assistente social do hospital foi conferir e não havia nenhum registro de um operário ausente na lista de empregados – o caminhão que o atropelou naquele dia foi embora e deixou-o desacordado na rua, sem nenhum documento no bolso. (FIGUEIREDO, 2010, p. 70)

Segundo o filósofo esloveno Slavoj Žižek (2003, p. 28), “a verdade definitiva do universo desespirtualizado e utilitarista do capitalismo é a desmaterialização da “vida real” em si, que se converte num espetáculo espectral.” No mesmo tom de Žižek vis-

lumbra-se Rosane, a namorada de Pedro, que um dia chegaria atordada ao escritório diante da constatação de que “as coisas é que estavam no lugar errado, as pessoas estavam onde não deviam” (p. 61).

Graças ao estratagema do protagonista Pedro, presentifica-se uma lógica bastante “simples: em troca de não ver, de não acreditar, de não tomar conhecimento, seria possível abolir aquelas coisas ou impedir que se passassem daquele jeito” (p. 30-31). A narrativa apresenta, então, um incontável rol de situações aparentemente comezinhas, mas que ilustram um mecanismo trabalhando a todo vapor: a máquina de subalternização e esmagamento de subjetividades em pleno funcionamento. É o que se vê no excerto a seguir:

Não ver, não entender e até não sentir. E tudo isso sem chegar a ser um idiota e muito menos um louco aos olhos das pessoas. Um distraído, de certo modo – e até meio sem querer. O que também ajudava. Motivo de gozação para uns, de afeição para outros, ali estava uma qualidade que, quase aos trinta anos, ele já podia confundir com o que era – aos olhos das pessoas. Só que não bastava. Por mais distraído que fosse, ainda era preciso buscar distrações. (FIGUEIREDO, 2010, p. 7)

Uma das estratégias praticadas por Pedro era tornar-se passageiro novamente, porém do universo da leitura. No ato de entregar-se à leitura da obra sobre Charles Darwin, durante o percurso do ônibus, acaba por se ver transportado para um trecho da viagem do naturalista inglês, ausentando-se, assim, do seu mundo administrado e pondo em xeque certezas de ordem existencial. Fragmentos do livro desencadeiam em Pedro divagações e processos de assimilação com o mundo à sua volta, não sem um leve teor de ironia, como se percebe, por exemplo, na insinuação da semelhança entre a persistência de baratas e seres humanos para manutenção das respectivas espécies, sobretudo das que estavam dentro do coletivo:

Insetos, sim, havia muitos. Ali mesmo, dentro do ônibus, acontecia de circularem umas baratinhas. Darwin talvez gostasse de saber que os ancestrais de algumas delas podiam ter chegado de outros países [...] ou, ao contrário, podiam ter embarcado, sem querer, daqui para outras terras. E lá como aqui, algumas delas, as mais aptas, as que não desistem, haviam se adaptado ao novo ambiente, haviam apurado seu sangue, sua família. Tudo sempre para garantir que a melhor parte, a parte nobre, ficasse para si e para os seus. (FIGUEIREDO, 2010, p. 22)



É interessante notar a similaridade do comportamento de sobrevivência de Pedro, que se faz de bobo para prosseguir naquele mundo, com uma das passagens registradas por Darwin, especificamente aquela em que “os olhos atentos do sábio inglês” (p. 65) percebem um certo escravo recuar, ao notar que seria esbofetado, quando fazia, com o seu senhor, a travessia de barco de um rio: “Na certa, tomou a posição em que as pancadas doeriam menos – ele conhecia esses expedientes, era uma lição segura, aprendida bem cedo na vida: se não havia como escapar do chicote, sempre havia um jeito de uma chicotada doer um pouco menos” (p. 66).

Vale registrar a argúcia com a qual o romancista incute em sua obra esse viés humanizador e, ao fazê-lo, parece ter em mente o papel aludido por Adorno, já mencionado, possibilitando, em vários momentos da narrativa, o encolhimento da distância estética entre as personagens, ao compartilhar a atmosfera de completa tensão na qual dois velhos, o pai e a tia de Rosane, veem-se quando da malfadada compra no supermercado do bairro vizinho ao Tirol. Para melhor entendimento desse aspecto, convém observar algumas especificidades daquela região que circunscreve o bairro Tirol e seu vizinho imediato, o bairro da Várzea:

[...] no início, o único acesso para o Tirol era através da Várzea – um bairro maior, mais populoso, mais antigo. Pobre também, mas ainda assim com certos recursos que o bairro novo não tinha. Ou seja, tinha um posto de gasolina, três farmácias, duas padarias e três escolas. O ônibus fazia ponto final ali. Não havia outro jeito: para entrar e sair do Tirol era preciso cruzar a Várzea quase de ponta a ponta.

A imagem daquela gente que de uma hora para outra começou a percorrer as ruas com suas mobílias e seus pertences – gente que parecia vir às pressas e em fuga, e todos ao mesmo tempo –, a presença à força de pessoas que eles não chamaram, não conheciam, não queriam ali – acabou formando nos moradores da Várzea a idéia de que aquela gente vinha para prejudicar, vinha para desvalorizar a vizinhança de algum jeito, para degradar o bairro todo. (FIGUEIREDO, 2010, p. 38)

Será justamente essa antipatia que golpeará o pai e a tia de Rosane na fila do caixa registrador. Por terem sido esperançosos e ultrapassado a fronteira – invisível para eles – de seu lugar no mundo, ao acreditarem no programa do governo, acabarão por ser motivo de chacota da vez. Após a falha do cartão magnético pelo qual se efetuaría o pagamento dos produtos, são escorraçados pela clientela moradora do bairro Várzea. Atordoados, e também em choque, o leitor se vê na companhia dos dois na tarefa de re-

colocar nas prateleiras produto a produto. O tio de Rosane, “com uma clareza também fria, entendeu que ele já contava com aquilo ou com algo parecido desde o início” (p. 114). Maturado nas rasteiras da vida, serenamente enfrentaria o já esperado embarço daquele evento:

Disse para a moça que talvez aquela máquina estivesse com defeito, quem sabe numa outra o cartão funcionaria. Mas a moça respondeu que não, a máquina estava boa, e olhou para baixo [...]. Então a caixa deu um relance para o primeiro freguês na fila e voltou-se.

Se eles não tinham como pagar – explicou a moça, com uma voz calma, de quem parecia entender a situação, de quem compreendia tudo, até bem demais, só que gostaria que nada daquilo tivesse acontecido e preferia que eles fossem embora logo – se não tinham como pagar, explicou a moça, teriam de pôr tudo de volta nas prateleiras. Pois é. Não havia um funcionário para arrumar as mercadorias de novo. (FIGUEIREDO, 2010, p. 115)

Tal situação acaba por se somar ao conjunto de argumentos colecionados pelo pai de Rosane, que o levavam a desacreditar em qualquer intervenção do Estado e de órgãos da esfera pública, em benefício de moradores da periferia. Tudo indica tratar-se de uma crítica, nas entrelinhas, às políticas assistencialistas que não cumprem, de fato, o que anunciam. Na verdade, já estavam habituados a todos esses desenganos. Quase tinham o entendimento de que não valia a pena nem se revoltar contra essas violências. No limite, o casal de velhos, Rosane, os residentes do Tirol e até mesmo Pedro, que representava um outro espaço, mas que se integrava, voluntariamente, à vida daquele povo, nos fins de semana, eram todos classificáveis como perfeitos *homo sacer*<sup>3</sup>, no sentido delimitado por Giorgio Agamben (Zizek, 2003, p. 47). De acordo com a definição do teórico, esses seriam aqueles indivíduos afastados, arbitrariamente, de qualquer direito essencial do ser humano, muito mais assemelhados a coisas do que a cidadãos. A distinção entre os que se incluem na ordem legal e o *homo sacer* não é apenas horizontal – uma distinção entre dois grupos de pessoas – mas, cada vez mais, também a distinção vertical entre as duas formas (superpostas) como se pode tratar as mesmas pessoas (Agamben citado por Zizek, 2003, p. 47). Nesse contexto de luta pelo sobre-existir cotidiano, até o simples mover-se pela cidade pode ser uma oportunidade de aviltamento, como se vê, por exemplo, na grande fila em que Pedro aguarda o ônibus, momento em que após refletir sobre trecho do livro que tratava da vida de Darwin, acaba concluindo que: “Não são os mimados, mas sim os adaptados que vão sobreviver” (p. 8).

3. De acordo com Agamben (2012, p. 185) a vida do *homo sacer* podia ser eventualmente exterminada por qualquer um, sem que se cometesse uma violação. Para saber mais sobre o tema, ver AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I*. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2012. p. 73-113.

Nada absurdo seria, talvez, considerar a trajetória de Pedro, ou as trajetórias das demais pessoas que são dadas a conhecer ao longo da narrativa, uma verdadeira “epopeia negativa”, para retomar a ideia de Adorno (2003, p. 62). De certa forma, essas epopeias testemunhariam as condições nas quais os indivíduos se autoaniquilam, como consequência de um mundo falsamente pleno de sentido, como já dito. Incomoda perceber a confusão que alguns microinstantes de estranhamento desencadeiam em Pedro, em face da vileza dessa engrenagem que os oprime a todos: “Veio de relance a impressão de que estava sendo levado à força, em linha reta, para um poço cada vez mais fundo, para um corredor escuro que desembocava num tumulto, num caos de brutalidades” (p. 36). É desoladora a perspectiva ou, melhor seria dizer, a falta de qualquer lastro de um outro estar no mundo. Pelo menos para eles.

A forma como se operacionaliza a relação patrão X empregado (A), da qual Rosane, em alguma parcela é representante, também pode ser considerada mais um choque, do qual falava Adorno, para demonstrar a eficácia do processo de coisificação em funcionamento na urbe encenada no romance. Ela, que “era copeira, fazia faxina, mas também atendia telefones, ficava na recepção e, quando pediam, fazia até alguns serviços no computador, pois tinha frequentado um curso gratuito e sabia mexer nos principais programas” (p. 45). As engrenagens do sistema funcionavam tão azeitadas que, mesmo alguém que questionasse esse sistema, deliberadamente ou não, como analisado há pouco em Pedro, acabava por ser convencido a sucumbir e ocupar o “seu lugar de origem”. Foi o que aconteceu com Rosane, quando ela pretendia ocupar-se em outras frentes de trabalho:

E, por trás disso tudo, o que mais ameaçava Rosane era uma dúvida: será que, no fundo, o jeito de Rosane, sua opção, era de fato melhor? Rosane queria estudar, queria aprender, queria ter educação, queria uma profissão mais qualificada, poder ganhar mais, [...] ali estava o que era bom fazer, o que era bom ter sempre na cabeça e não desistir nunca.

[...] Mas a cada dia as dificuldades se mostravam tão flagrantes, os obstáculos eram tão descarados em seu poder e se levantavam tão desproporcionais às forças de Rosane que ela às vezes parava com um susto, uma surpresa, e de repente topava com um imenso vazio à sua volta. Que chances tinha ela, afinal? Por que havia de conseguir o que as pessoas iguais a ela não conseguiam de jeito nenhum? [...] Não seria simples estupidez pensar que a deixariam passar, que algum dia abririam caminho para ela? (FIGUEIREDO, 2010, p. 63, 64)

O dilema de Rosane, sob alguma medida, dialoga com o pensamento darwinista na teoria da evolução das espécies. Todavia, verifica-se um tipo peculiar de evolucionismo às avessas, mais assemelhado a uma relação escravocrata, porém remodelada sordidamente. Ao leitor perspicaz, tendo aceito embarcar naquele coletivo e experienciado parte da vida daqueles passageiros, certamente, não sobre-existirá “a tranquilidade contemplativa diante da coisa lida” (Adorno, 2003, p. 61). Se assim não fosse, é de crer que apenas um autômato atravessaria impassível a sordidez desumana do médico que transforma a doença (no caso, a do pai de Rosane) em lucrativo negócio, como se vê na passagem a seguir:

[...] aquela gente tinha uma doença para oferecer em troca de uma renda mensal e cabia ao médico avaliar a doença, classificar o estrago, medir seu interesse, seu prazo – seu fator destrutivo –, e depois alugar a doença por um tempo, comprá-la para sempre ou apenas rejeitá-la, e chamar o próximo paciente. (FIGUEIREDO, 2010, p. 103)

As relações petrificadas, construídas sobre o esfacelamento da essência do humano, reduzem vidas, desidratam os vários “pais de Rosane”, suas próprias doenças, em termos metonímicos. Reduzem todo agenciamento a um estágio de gnosticismo econômico, no qual o lucro é um fim em si mesmo. Ainda assim, e talvez devido a isso, é necessário narrar, e a literatura parece dar conta de expressar esses desencantos. Pautá-los, torna-os passíveis de comunicação em outras esferas. A arte pode revirar e trazer para a cena esses espaços que oferecem “ao conjunto dos homens que nele se exercem como um conjunto de virtualidades de valor desigual, cujo uso tem de ser disputado a cada instante, em função da força de cada qual” (Santos, 2002, p. 317).

## Considerações finais

*“Ou, quem sabe, até coisa pior.”*  
(FIGUEIREDO, 2010, p. 38)

Como se pretendeu demonstrar, ainda que brevemente, parafraseando Adorno, o *Passageiro do fim do dia* mostra-se como uma espécie de “resposta antecipada a uma constituição do mundo na qual a atitude contemplativa tornou-se um sarcasmo sangrento, porque a permanente ameaça de catástrofe não permite mais a observação imparcial, e nem mesmo a imitação estética dessa situação” (Adorno, 2003, p. 61).

A enunciação do romance é um convite a participar do “universo de liberdade” (Zilberman, 1989, p. 54), possibilitado pela função transgressora da experiência estética. Ao caracterizar esse tipo de experiência, Jauss

explica por que é lícito pensá-la como propiciadora da emancipação do sujeito: em primeiro lugar, liberta o ser humano dos constrangimentos e da rotina cotidiana; estabelece uma distância entre ele e a realidade convertida em espetáculo; pode preceder a experiência, implicando então a incorporação de novas normas, fundamentais para a atuação na e compreensão da vida prática [...]. (ZILBERMAN, 1989, p. 54)

O verso da folha de rosto da obra editada pela Companhia das Letras, da qual foram extraídos os excertos para este ensaio, já advertia que “os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.” Embora se respeite a advertência registrada na obra, vale, mais uma vez, recorrer ao filósofo Zizek quando aconselha que é

preciso ter a capacidade de discernir, naquilo que percebemos como ficção, o núcleo duro do Real que só temos condições de suportar se o transformarmos em ficção. Resumindo, é necessário ter a capacidade de distinguir qual parte da realidade é “transfuncionalizada” pela fantasia, de forma que, apesar de ser parte da realidade, seja percebida num modo ficcional. (ZIZEK, 2003, p. 34)

Ombreado a Pedro, o leitor direciona-se ao núcleo duro do real e talvez se descubra pensando no mundo ao seu redor, que sempre existiu, mas do qual não havia ainda se distanciado o bastante para refletir sobre ele. A enunciação projeta uma nova cosmologia que acaricia, conversa e incita o real. Vale relembrar o conceito de leitor proposto por Hans Robert Jauss, segundo o qual essa entidade baseia-se, entre outras categorias, na “de emancipação, entendida como a finalidade e efeito alcançado pela arte, que libera seu destinatário das percepções usuais e confere-lhe nova visão da realidade” (Zilberman, 1989, p. 49).

Os fatos normais daquele povo periférico, mirados pelos olhos do “distraído” Pedro, que tece reflexões com base na observação deles, aproximam-se ao gesto do naturalista Darwin que, “em suas explorações, [...] constatou que o impossível, de fato, era avançar por uma trilha na mata sem que teias de aranha cortassem o seu caminho. E nelas sempre encontrava uma fonte de interesse” (p. 160). O romancista provoca o seu público para que olhe com mais carinho para as teias de aranha da vida cotidiana.

Talvez querendo sugerir uma estratégia de compreensão do passado; um reposicionamento no presente e, ao fim, uma semente de realinhamento do futuro. Como, aliás, pontua o geógrafo brasileiro Milton Santos:

Devemos, então, nos lembrar de que se o real é o verdadeiro, o possível é sempre maior que o real e o futuro mais amplo do que o existente. O presente é o real, o atual que se esvai e sobre ele, como sobre o passado, não temos qualquer força. O futuro é que constitui o domínio da vontade, e é sobre ele que devemos centrar o nosso esforço, de modo a tornar possível e eficaz a nossa ação. (SANTOS, 1988, p. 85)

Ao tecer os conflitos e dissabores de Pedro e seus coetâneos, Figueiredo incita seu leitor a mirar o mundo com transgressores olhares. O romance veicula, em seu interior, uma semente de liberdade, ainda que assim não pareça.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund. Posição do narrador no romance contemporâneo. In: \_\_\_\_\_. *Notas de literatura I*. São Paulo: Duas Cidades, 2003. p. 55-63.
- AGAMBEN, Giorgio. Homo sacer. In: \_\_\_\_\_. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I*. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2012. p. 73-113.
- ARISTÓTELES. *Poética*. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1986. p. 103-148.
- CANDIDO, Antônio. Direito à literatura. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Vários escritos*. 4. ed. São Paulo: Ouro sobre Azul, 2004. p. 170. Mimeografado.
- FIGUEIREDO, Rubens. *Passageiro do fim do dia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 197 p.
- MASSEY, Doreen. Proposições iniciais. In: \_\_\_\_\_. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. p. 29-37.
- ROSA, João Guimarães. Nada e a nossa condição. In: \_\_\_\_\_. *Primeiras histórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. p. 73-82.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2002. 384 p. (Coleção Milton Santos; 1).
- SANTOS, Milton. Configuração territorial e espaço. In: SANTOS, Milton; ELIAS, Denise. *Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia*. São Paulo: Hucitec, 1988. Cap. 6. p. 75-85.
- SANTOS, Milton. Paisagem e espaço. In: SANTOS, Milton; ELIAS, Denise. *Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia*. São Paulo: Hucitec, 1988. Cap. 5. p. 61-74.
- ZILBERMAN, Regina. Experiência estética. In: \_\_\_\_\_. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989. p. 49-61.
- ZIZEK, Slavoj. Paixões do real, paixões do semblante. In: \_\_\_\_\_. *Bem-vindo ao deserto do real*. São Paulo: Boitempo, 2003. Cap. 1. p. 19-47.